

IML enfrenta situação de penúria

Servidores improvisam material para realizar necropsias, prédio necessita de reforma e não há nem bebedouro

VÂNIA RODRIGUES

O Instituto Médico Legal só está funcionando graças à boa vontade dos servidores, que trabalham fora do horário de expediente e improvisam materiais para realizar necropsia e exames. "A situação é crítica, falta tudo", afirma o diretor do IML, Abelardo de Oliveira Brito. Segundo ele, o déficit de funcionários é generalizado, faltando de legista a auxiliar de necropsia. "A estrutura física do prédio é precária e não temos sequer água para os servidores beberem", conta. Vários exames importantes para os laudos também não estão sendo feitos por falta de material.

Abelardo Brito reconhece que a situação crítica do IML não está isolada do quadro de dificuldades de outros órgãos do sistema de segurança do DF. "Mas se a coisa continuar deste jeito, em breve não poderemos nem mesmo realizar as necropsias", alertou. O órgão conta apenas com dois auxiliares de necropsia por plantão, quando, no mínimo, são necessários cinco. E o mais grave, segundo Brito, é que com um salário de Cr\$ 700 mil até os que estão trabalhando já avisaram que vão deixar o IML. "Eles só estão esperando ser chamados em concursos públicos de outros órgãos para sair do IML", lamentou.

O trabalho do auxiliar de necropsia é fundamental para a realização de exames. "São eles que recebem e entregam os cadáveres, preparam o material do exame e auxiliam o legista em outras funções durante a realização da necropsia", explicou Brito. Ele defende a criação do cargo de auxiliar de necropsia no quadro funcional da polícia para melhorar o salário da categoria e assegurar a permanência destes profissionais no IML. "Com este salário, a rotatividade vai continuar grande e nós continuaremos corren-

do o risco de não fazer o exame por falta do auxiliar", afirmou.

Raio X — Outro setor crítico no IML, segundo Abelardo Brito, é o de raio x. "Além de os azulejos da sala estarem despencando, o órgão não conta sequer com um radiologista", lamentou. Falta também auxiliar de raio x e de enfermagem. São os próprios médicos legistas que têm que executar a tarefa destes profissionais. "Isso atrasa o exame", queixa-se a legista e vice-diretora do IML, Maria Leonor Kuhn.

O IML realiza, em média, nove necropsias por dia e o mesmo número de exames em pessoas vivas.

Maria Leonor lembra que o trabalho realizado no IML não pode ser deixado para outro dia, como em outros órgãos que estão passando por dificuldades financeiras. "O corpo tem que ser liberado no mesmo dia para sepultamento; não dá para você iniciar uma necropsia e deixar para o dia seguinte", argumentou. No caso dos exames em vivo, a pressa é a mesma.

Prédio — O prédio do IML foi construído em 1974 e nunca passou por reforma. "A fiação elétrica está toda estourada, precisando de reparos e manutenção", afirmou Leonor. Ela disse que a situação é tão precária que os três bebedouros do órgão foram desligados porque quando são ligados ocorre curto-circuito. "Os funcionários que não podem comprar água mineral na cantina ficam o dia inteiro com sede ou trazem água de casa", ressaltou. Leonor acrescentou que o prédio precisa não só de reformas como de ampliação. No local destinado exclusivamente ao trabalho com os mortos é feito também o serviço de administração e de atendimento ao vivo, por falta de espaço.

Legistas trazem solução de casa

Vidros vazios de maionese ou de café solúvel ou até mesmo garrafas plásticas descartáveis estão sendo utilizados no Instituto Médico Legal para guardar vísceras, sangue e urina. A improvisação dos médicos legistas assegura a realização das necropsias e dos exames, uma vez que o órgão não dispõe de frascos suficientes e apropriados para a finalidade. "Os poucos que temos são de boca muito estreita, dificultando e inviabilizando a sua utilização em alguns casos", lamentou Abelardo de Oliveira Brito, diretor do IML.

A médica legista, Maria Leonor Kuhn disse que os 27 legistas não jogam fora nenhum vidro em casa. "Recolhemos tudo o que é possível, lavamos bem, fervemos e trazemos para o IML para usarmos nos exames", explicou. Leonor destaca que esta improvisação começou antes de a crise financeira se agravar no setor de segurança. "As dificuldades enfrentadas para conseguirmos fazer um bom trabalho são antigas", relatou.

Até mesmo as vísceras utilizadas nas aulas que os legistas ministram para estudantes dos cursos de Medicina e Direito da UnB ou de Direito das faculdades particulares são apresentadas em vasilhas impro-

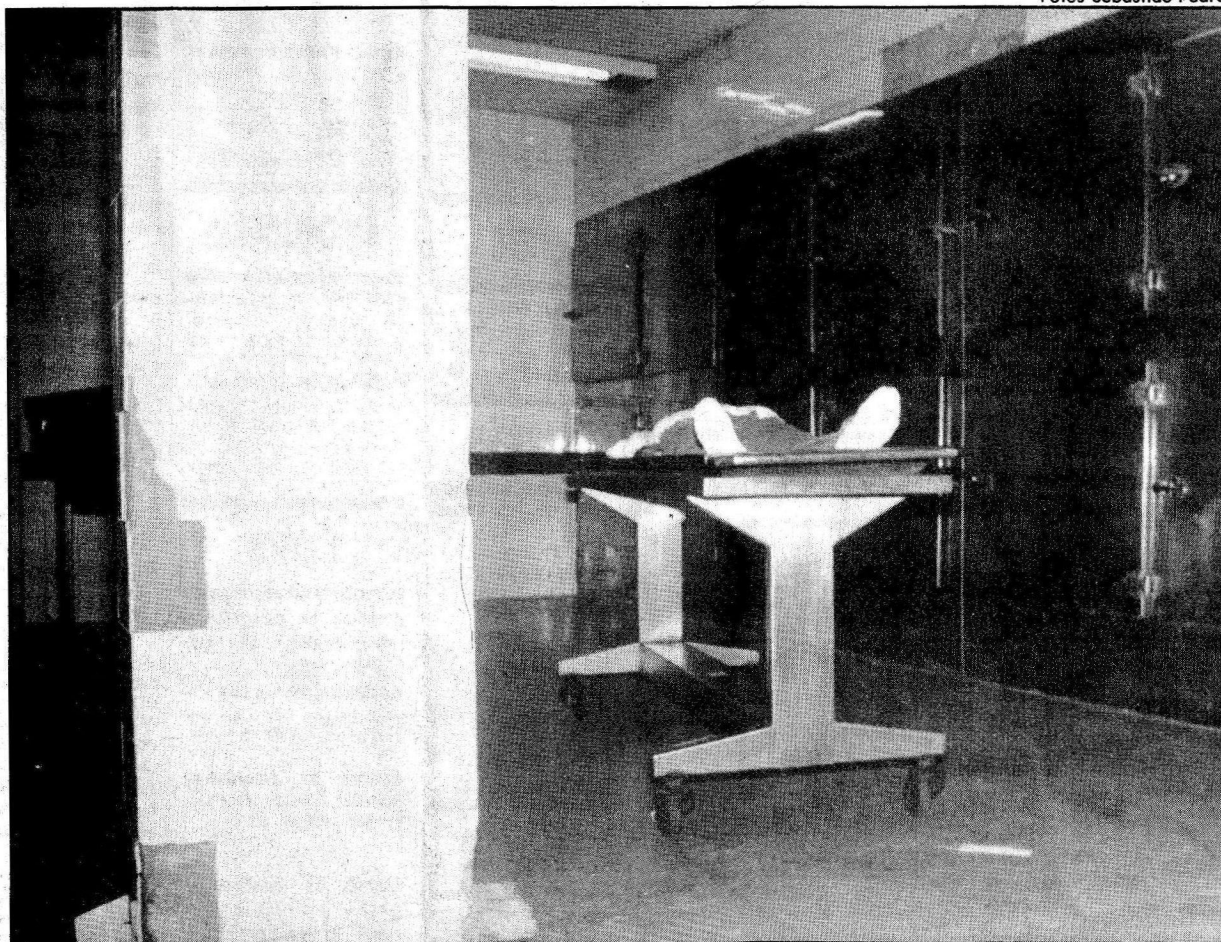
visadas. "Para a coisa não ficar muito feia fiz uma adaptação dos cascos plásticos de refrigerante", contou Abelardo Brito.

Brito admite que nem todos os exames são completos. Os de toxicologia, por exemplo, vão apenas com a avaliação clínica. "Não temos como fazer o exame laboratorial para saber se existe vestígio e droga no organismo da pessoa", lamentou o diretor do IML. Brito explicou que isso prejudica o trabalho da própria polícia, pois no exame clínico só é possível dizer se a pessoa faz o uso de drogas poucas horas após sua utilização. A maconha, por exemplo, pode ser detectada no organismo, através de exame de sangue ou urina, até um mês após o seu uso.

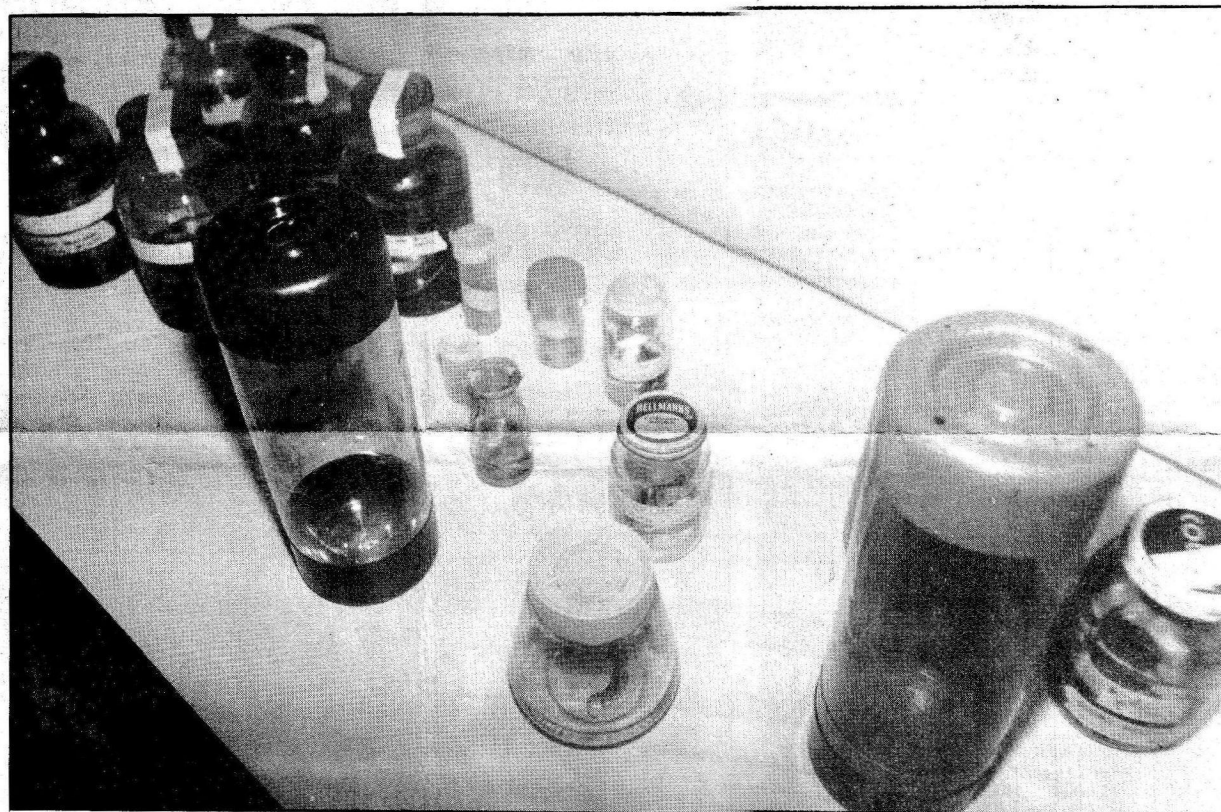
Segundo o diretor do IML, como os laudos saem com a observação "o exame laboratorial não foi feito por falta de material", as delegacias têm até reduzido a solicitação. "Como a crise do IML é antiga e vem se agravando gradativamente, posso citar que em 1990 fizemos 422 exames toxicológicos e em 1991 o número caiu para 272". Ele disse que a estatística de 1992 ainda não foi fechada, "mais deve ter sido em torno de 300 exames".

(V . R .)

Fotos Sebastião Pedro



Construído em 1974, o prédio do IML nunca foi reformado e os ladrilhos estão se soltando da parede



Vidros vazios de café solúvel e maionese são reaproveitados na realização de necropsias